

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

RITA DE CASSIA FIRMINO DA SILVA

A REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE DESEJO A PARTIR DE SPINOZA

Maceió/AL

2021

RITA DE CASSIA FIRMINO DA SILVA

A REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE DESEJO A PARTIR DE SPINOZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Fernando Meireles
Monegalha Henriques

Maceió/AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586r Silva, Rita de Cássia Firmino da.
A redefinição do conceito de desejo a partir de Spinoza / Rita de Cássia Firmino da Silva. – 2021.
45 f.

Orientador: Fernando Meireles Monegalha Henriques.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 45.

1. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 2. Desejo (Filosofia). 3. Ato (Filosofia). 4. Essência (Filosofia). I. Título.

CDU: 165.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e um, às oito horas e trinta minutos, na plataforma digital Google Meet, endereço eletrônico <<https://meet.google.com/bzr-vbxh-hwk>> (excepcionalmente realizada deste modo em razão da pandemia de COVID-19), compareceu perante a Banca Examinadora composta pelos Professores Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques, Dra. Cristina Amaro Viana Meireles e Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, a graduanda Rita de Cássia Firmino da Silva, matrícula nº 13111373, para oficializar o resultado final da avaliação de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: “A redefinição do conceito de Desejo a partir de Spinoza”.

Obtendo a média final de 9,0 (nove) tendo sido considerada aprovada por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, Fernando Meireles Monegalha Henriques, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e pelos demais Membros da Banca Examinadora:

1. Prof. Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques – Orientador e Presidente
2. Profa. Dra. Cristina Amaro Viana Meireles - Membro
3. Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias - Membro

Prof. Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques
Presidente de Banca Examinadora

Profa. Dra. Cristina Amaro Viana Meireles
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao encontro com outros corpos-mentes que se fizeram presentes, e, em vista disso, pude entender e sentir de forma única e empírica o processo de aquilombar-se com os meus, e que foi de extrema importância para finalizar mais essa etapa da minha trajetória, assim como um útero e o colo de uma mãe está para seu filho.

Aos iguais a mim, que vislumbram com o rompimento da tradição e resistem dentro deste cis-tema violento, que nos afasta da potência dos nossos corpos. Agradeço a existência dos corpos, que por si só, afetam outros corpos e entendem quais são os corpos que estão em evidências; e através de suas vivências, entendem quais são os corpos-armas e os corpos-alvos.

As amigas e companheiras com corpos sem juízo, meus mais sinceros agradecimentos, e entendamos, como nos diz Jup do Bairro em sua música intitulada *O que pode um corpo sem juízo?*, que é “sob a cultura, a ação do tempo, do espaço, história, geografia, psicologia, antropologia, nos tornamos algo; homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, e o que mais quisermos, pudermos ou nos dispusermos a ser. O que pode o seu corpo?” (2020).

A mente ama também.

Oração, de Linn da Quebrada.

RESUMO

Partindo da proposta clássica do conceito de desejo, este estudo tem como objetivo apresentar algumas noções acerca dessa temática, a partir da análise da obra *Ética* (1677), do filósofo Baruch Spinoza (1632-1677). No desdobrar deste estudo, apresentaremos ideias indispensáveis que se relacionam ao tema e que serão de fundamental importância para delimitar o ponto de vista do autor, tais como a potência do corpo, o distanciamento da filosofia tradicional acerca da união corpo-mente e a noção de essência do ser humano. Com isso, buscamos entender como o monismo psicofísico tenta explicar a igualdade das potências de agir e pensar no ser humano e argumentamos que o desejo não configura uma falta.

Palavras-chave: Spinoza; Desejo; Potência do corpo; Essência.

ABSTRACT

Starting from the classic proposal of the concept of desire, this study aims to present some notions about the theme, from the analysis of the work *Ethics* (1677), by philosopher Baruch Spinoza (1632-1677). As this study unfolds, we will present indispensable ideas that are related to the theme and that will be of fundamental importance to delimit the author's point of view, such as the power of the body, the distance from traditional philosophy regarding the union of body-mind, and the notion of essence of the human being. Thus, we seek to understand how the psychophysical monism tries to explain the equality of the powers of acting and thinking in the human being, and we argue that the desire does not constitute an absence.

Key-words: Spinoza; Desire; Power of the body; Essence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CAPÍTULO I: SOBRE O CORPO.....	14
3. CAPÍTULO II: SOBRE O DESEJO.....	28
4. CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	45

1. INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é investigar o conceito de desejo, a partir do pensamento de Baruch Spinoza (1632-1677), dentro de sua maior obra, intitulada *Ética*. O desejo (do latim *de-siderium*= a partícula “de”, quando inicia uma palavra, indica queda; “siderium”, que quer dizer “estrela”) pode ter um significado mais geral, sendo assim um princípio que impele o ser vivo à ação, à realização de um fim, mover-se em direção a alguma coisa, usando-se a palavra *apetite*, muitas vezes, para designar seu sentido, podendo ainda ser ligado à moral. O sujeito, neste caso, é lido como um ser insaciável, incompleto, que busca as coisas de fora para se sentir bem.

Baruch de Spinoza nasceu em 24 de novembro de 1632 e foi considerado um dos grandes filósofos racionalistas, (ao lado de Leibniz e Descartes) da história da filosofia. Recebeu notoriedade pelas suas ideias opostas às crenças religiosas de sua época. Sua frase: *Deus sive natura*, "Deus, ou seja, a Natureza" é um conceito filosófico, partindo da premissa que a natureza não é uma criação de Deus, uma entidade transcendente que age conforme sua vontade, mas Deus e natureza são uma só e a mesma coisa, exprimindo sua existência, logo, o Deus de Spinoza se contrapõe as doutrinas e dogmas religiosos da época. Segundo Marilena Chauí:

Espinosa afirma e demonstra que a totalidade do real é inteligível e pode ser inteiramente conhecida por nosso intelecto, não havendo no mundo lugar para mistérios, milagres e coisas ocultas. Por esse motivo, seu pensamento é uma crítica radical a todas as formas de irracionalismo e superstição, seja na religião, na política, seja na filosofia (CHAUÍ, 1995, p.34).

Suas principais obras são *Tratado Teológico Político (1670)*, *Tratado Político (1677)* e, claro, a *Ética(1677)*, que só foi publicada após sua morte, sendo logo depois proibida. Para delimitar a problemática do desejo que trataremos dentro da obra do autor, no decorrer deste TCC, mencionaremos pontos indispensáveis que se correlacionam ao tema proposto. A fim de romper com o tradicional discurso, no qual a ideia de desejo implica em falta, doença, incômodo, defeito, carência, ou até mesmo um vazio que buscamos preencher, Spinoza nos traz uma nova perspectiva acerca dessa desvalorização que o platonismo e o cristianismo deixaram. Começamos a considerar

que o desejo como afeto não é um objeto de “necessidade”, mas uma característica da natureza do ser:

Quase todos que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. Pois creem que o homem mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio (SPINOZA, 2015, p. 233).

Pensarmos no desejo como parte natural do indivíduo, da sua própria essência, fará um movimento de ruptura com a filosofia tradicional e com a própria filosofia cartesiana. A filosofia racionalista de Descartes, no século XVII, transformará as ideias platônico-aristotélicas, que definem a alma, dotada de faculdade, como um instrumento que comanda o corpo. Alma, nesta definição, é o princípio da vida e do movimento do corpo, sendo este último só um instrumento, uma via de acesso para este mundo. Estas ideias, apropriadas por Descartes e posteriormente modificadas, mantêm a separação de corpo-alma, porém iniciam o rompimento desta organização: “A primeira delas consiste em mostrar que a alma não é o princípio da vida e do movimento do corpo, [...]. A segunda inovação consiste em negar o que a tradição afirmara, isto é, que as paixões nascem de conflitos no interior da alma, entre suas faculdades” (CHAUÍ, 1995, p. 56).

Diante desta dualidade cartesiana, Spinoza (2015) diz que “[...] a Mente e o Corpo são uma só e a mesma coisa que é concebida ora sob o atributo do Pensamento, ora sob o da Extensão” (p.241). Negando assim que o corpo e a alma são substâncias diferentes, mas sim, resultados da expansão de uma única substância, dentro de uma mesma realidade:

Espinosa parte de um conceito muito preciso, o de substância, isso é, de um ser que existe em si e por si mesmo, que pode ser concebido em si e por si mesmo e sem o qual nada existe nem pode ser concebido. Toda substância é substância por ser causa de si mesma (causa de sua essência, de sua existência e da inteligibilidade de ambas) e, ao causar-se a si mesma, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto ou uma realidade absolutamente complexa, constituída de infinitas qualidades infinitas, cada uma das quais é uma potência produtora ou agente que engendra por si mesma e de si mesma as múltiplas ordens de realidade que formam o universo. A substância é a potência causal ou produtiva absolutamente infinita de auto-produção e de produção de todas as coisas. É o que chamamos de Deus (CHAUÍ, 2006, p. 116).

Spinoza explica em sua obra que saber a potência do corpo é fundamental para entender que não existe divisão entre o corpo e a mente, a mente está unida ao corpo. De acordo com Chauí (1995), “[r]ompe-se, portanto, a longa tradição hierárquica que definira a alma como superior ao corpo e devendo ter comando sobre ele” (p. 58). Ainda sobre isto, Carlos Augusto Peixoto Júnior (2009) pontua: "O homem, portanto, contrariamente ao que imaginara toda a tradição, não é uma substância composta de duas outras, mas é um modo singular finito da substância, isto é, efeito imanente da atividade dos atributos substanciais” (p.374).

Desta maneira, “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo certo da extensão, existente em ato, e nada outro” (SPINOZA, 2015, p.149). Assimilar que o objeto da mente é o corpo é entender, segundo Spinoza, como os corpos se movimentam em relação aos outros corpos que os envolvem, o que os induz ao processo de movimento ou repouso. Essa integração, entre as coisas que estão fora do corpo e o próprio corpo, modifica os corpos, e este ato de movimentar e/ou ficar em repouso é percebido pela mente. “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar nem a mente pode determinar o corpo ao movimento, ao repouso ou a alguma outra coisa (se isso existe)” (SPINOZA, 2015, p.241). O indivíduo como corpo é um composto de vários corpos que tem ações e reações: internas, entre as partes do corpo, seus órgãos e tudo que eles representam, sua imagem; e externas com relação aos outros corpos que o envolvem, as coisas que o afetam. O indivíduo como mente também é um sistema de ações e reações, que envolvem ideias das coisas que o corpo percebe. As ideias são conceitos das coisas, ou seja, na medida em que o corpo sente os outros corpos, a mente também os sente ao seu modo, a mente é este sistema de ideias, que as apreende pelos movimentos, pelas afetações que o corpo recebe.

Iremos delimitar o papel do desejo dentro do movimento que corpo-mente fazem no indivíduo segundo Spinoza, para conseguir perceber a ruptura e a redefinição de seu conceito:

Espinosa definirá ação e paixão em termos de causa adequada e de causa inadequada. A ação é uma potência positiva, a paixão um declínio da potência. O homem livre é aquele que, conhecendo as leis da natureza e a do seu corpo, não se deixa vencer pelo exterior, mas sabe dominá-lo. A partir daí Espinosa definirá a essência humana pelo desejo. O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força (CHAUÍ, 1979, apud PEIXOTO JUNIOR, C. A. 2009, p.373).

Esta conceitualização do desejo é dito como um esforço para que o corpo tenha uma autopreservação, esta maneira de pensar do autor sobre o desejo e as outras nuances que antecedem este conceito, acaba por redigir a satisfação que o indivíduo adquire ou não quando alcança seus objetivos, observamos nesta passagem da *Ética* “O desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer” (SPINOZA, 2015, p.339). Não são as coisas que vêm de fora, extrínsecas a nós, que nos mostram seus benefícios, mas o afeto que a mente percebe, dadas as ideias das afecções do corpo. A saber, as ideias das afecções do corpo são modificações que o corpo sofre ao mover-se, afetar e ser afetado por outros corpos, compondo sua autopreservação pela potência de agir, e na mente, a pensar essas ideias correspondentes. Spinoza nos indica que a determinação da mente, e os movimentos do corpo, seus apetites e suas ações, são uma só e a mesma, explicado respectivamente, ora sob o atributo pensamento, ora sob o atributo extensão.

Esse esforço, à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se seguem aquelas coisas que servem para sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite. Pode-se fornecer, assim, a seguinte definição: o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem. Torna-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçamos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa (SPINOZA, 2015, p.253-255).

O ser humano, diferente das outras coisas singulares, tem consciência desse esforço que é da sua natureza, e é intrínseco ao ser para permanecer na sua existência. É importante perceber aqui que este esforço não está ligado somente ao ser humano, mas a outros seres ditos não racionais, por existir neles o desejo de procriar, assim como nos humanos, com o intuito de dar continuidade a sua existência. Estudaremos de acordo com este modo de pensar. O desejo não realizado e a incompletude do ser não são mais vislumbrados como sinônimos, algo fora do indivíduo para trazer felicidade/satisfação, mas desejar como parte integrante da própria natureza do ser.

A predisposição a autoconservação segue seu percurso natural em todos os seres e no homem isso também é notório, porém o que faz este desejar aquilo que não beneficia a conservação da sua existência é exatamente um equívoco na sua interpretação, ou seja, uma privação de conhecimento (SILVA, 2011, p.63).

Limitar o desejo ou incapacitá-lo não combina com a filosofia de Spinoza, que naturaliza todas as formas de ser do indivíduo. Por fim, definir as partes do ser em Spinoza, desenvolve ideias revolucionárias dentro da filosofia, e, não só, seja nos escritos clássicos, seja nos mais modernos, acerca do conhecimento das coisas e/ou do próprio ser.

Este é basicamente o tema do trabalho desenvolvido. No capítulo I, trataremos de expor os conceitos de Deus e suas nuances pela primeira parte da obra que estamos estudando; entenderemos o que constitui os atributos infinitos de Deus e como seus modos, definido pelo autor como modificações finitos desses atributos, são partes da potência de pensar e agir da natureza; compreenderemos também, pela segunda parte da obra, como esta união das modificações das potências da natureza - corpo um modo de agir, mente um modo de pensar- consiste nas coisas singulares e, por isto, a potência do corpo é a mesma que a potência da mente, são formas diferentes de expor a mesma realidade, pela ordem e conexão das coisas e das causas, uma igualdade, equivalente a ideia do círculo e o círculo existente na natureza. Ainda nesta segunda parte, buscaremos assimilar como a essência de Deus compõe também das coisas singulares, que são desdobramentos certos e determinados da natureza infinita que consiste em existir, no qual Spinoza chama de esforço (*conatus*).

No capítulo II, trataremos de observar a origem e a natureza dos afetos, dentro da terceira parte da obra, e, como Spinoza define, já no prefácio, que os afetos serão analisados de forma racional, considerando as leis e as regras da natureza; estudaremos como a essência atual das coisas consiste no esforço para perseverar em seu ser, e nos seres humanos, quando conscientes deste esforço ao ter ações adequadas ou inadequadas, é chamado *Desejo*.

2. CAPÍTULO I: SOBRE O CORPO

Para iniciarmos os estudos sobre o corpo a partir do pensamento de Spinoza (1632-1677), é fundamental que entendamos os conceitos de substância (Deus/natureza), atributos e modos, que estudaremos nos livros um e dois da *Ética* (1677), e com base nessas noções nos debruçaremos sobre o que pode o corpo, sua potência. Segundo Spinoza (2015), o corpo é “[...] o modo que exprime, de maneira certa e determinada, a essência de Deus enquanto considerada como coisa extensa” (p.125). Esse Deus, que Spinoza aborda, não equivale a uma entidade soberana que cria e está acima de todas as coisas, um ser transcendente, que existe separado do mundo que ele criou e que tem começo e fim, mas a uma substância “[...] que é em si e é concebida por si” (2015, p. 45). Por causa de si, ele entende como “[...] aquilo cuja essência envolve existência” (2015, p.45), é da natureza da substância, que é causa de si mesma, existir, ela só pode ser concebida enquanto existência. Tal substância “[...] consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (p. 45). Marilena Chauí (1995) reitera “[a]o causar-se a si mesmo, fazendo existir sua própria essência, Deus faz existir todas as coisas singulares que o exprimem porque são efeitos de sua potência infinita” (p. 47).

De forma breve, Deus (substância/natureza) existe em si e por si “[...] cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa a partir do qual deva ser formado” (SPINOZA, 2015, p. 45), um ente absolutamente infinito¹, ele é causa de todas as coisas que exprimem sua essência, sua existência e sua inteligibilidade através dos atributos, “[o]ra, tudo que é, é em deus, e de Deus depende de tal maneira que sem ele não pode ser nem ser concebido” (SPINOZA, 2015, p. 95). Removendo todos os preconceitos atribuídos a Deus pelos seres humanos, que supõem que a natureza age, como eles próprios, em vista de um fim, Spinoza ressalta os pontos que ele explicou acerca da natureza e das propriedades de Deus:

que existe necessariamente; que é único; que é e age pela só necessidade de sua natureza; que é causa livre de todas as coisas e como o é; que tudo é em Deus e depende dele de tal maneira que sem ele nada pode ser nem ser concebido; e, finalmente, que tudo foi predeterminado por Deus, não decerto pela liberdade da vontade, ou seja, por absoluto beneplácito, mas pela natureza absoluta de Deus, ou seja, por sua potência infinita (2015, p. 109).

¹ Cf. SPINOZA, 2015, p.45.

Sendo tudo e o todo, Deus (substância/natureza) não é só a causa das coisas começarem a existir, mas é também a causa das coisas perseverarem no existir. Assim sendo, ao constituir a essência da substância, também expressa esta essência através dos atributos, em outras palavras:

ao constituir a essência da substância, compor a sua realidade e, através disto, torná-la inteligível para o intelecto, cada atributo, e todos, exprimem a necessidade, a infinitude, a eternidade e, não menos, a complexidade infinita de uma coisa que, sem a ajuda de nenhuma outra, abarca toda diversidade de atributos existentes. Constituição e expressão caracterizam e determinam a relação entre os atributos e a substância, explicam o significado do pertencimento deles a ela (MONTEIRO, 2017, p. 24).

Para Spinoza (2015), atributo é “[...] aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela” (p.45), ou seja, os atributos constituem de modos infinitos através das coisas finitas, a mesma realidade, “[...] finita em seu gênero aquela coisa que pode ser delimitada por outra de mesma natureza [...]. Assim, um pensamento é delimitado por outro pensamento. Porém, um corpo não é delimitado por um pensamento, nem um pensamento por um corpo” (SPINOZA, 2015, p. 45), pois são resultados da mesma substância infinita, como dita na proposição XVI². Posto isto, a definição da coisa finita destaca a associação com a diferença entre as coisas; quando sendo da mesma natureza, atuando como limite, um corpo delimita outro corpo, porque ambos são do atributo extensão, uma das maneiras de ser da substância. Essa definição destaca também, a associação com a diferença entre as coisas, quando sendo de naturezas diferentes (atributos diferentes), elas não se delimitam, operando como uma forma de correspondência, assim como a ideia e o objeto pela ideia pensada, pois o objeto não pode ser concebido sem a ideia, ou seja, o conceito, a que corresponde. Como afirma Spinoza nesta outra passagem:

[...] embora dois atributos sejam concebidos realmente distintos, isto é, um sem a ajuda do outro, não podemos daí concluir, porém, que eles constituem dois entes, ou seja, duas substâncias diversas. Com efeito, é da natureza da substância que cada um dos seus atributos seja concebido por si, visto que todos os atributos que ela tem sempre foram simultaneamente nela, e nenhuma pôde ser produzido por outro, mas cada um exprime a realidade, ou seja, o ser da substância (SPINOZA, 2015, p.59).

² “Da necessidade da natureza divina devem seguir infinitas coisas em infinitos modos (isto é, tudo que pode cair sob o intelecto infinito)” (SPINOZA, 2015, p. 75).

Os atributos são a potência de existir e de ser da substância, que buscam com essa atividade sua preservação. “[P]oder existir é potência” (SPINOZA, 2015, p. 61), à medida que ela expressa a essência da substância, simultaneamente, expressa sua existência, dito isto, a essência e a existência da substância são um só e o mesmo³, ou seja, ela existe necessariamente. Spinoza declara que algo só é dito necessário “ou em razão de sua essência ou em razão de sua causa. Com efeito, a existência de uma coisa segue necessariamente ou de sua própria essência e definição, ou de uma dada causa eficiente” (2015, p. 103). Se a substância é a causa de as coisas começarem a existir, por ser a expressão da necessidade de sua existência, então as coisas também perseveram em existir, por causa da potência em existir e ser da substância. Diante desta afirmativa Chauí (1995) expressa:

Dos infinitos atributos infinitos de Deus, conhecemos certamente dois: o Pensamento e a Extensão. A atividade da potência do atributo Pensamento produz um modo infinito, o intelecto divino, e este produz todas as modificações ou modos finitos do Pensamento, isto é, as ideias e a mente. A atividade da potência do atributo Extensão produz um modo infinito, o Universo Material, isto é, proporções de movimento ou de repouso que dão origem a todos os modos finitos da Extensão, os corpos (CHAUÍ, 1995, p.48).

Dada às definições de Deus (substância/natureza) e dos atributos, poderemos ter uma compreensão melhor do que é o corpo. Seguindo a dinâmica de que só existe uma substância absolutamente infinita, que tudo gera e produz, através dos seus atributos (a coisa extensa e a coisa pensante⁴) que exprimem, cada um à sua maneira, a essência da substância, o corpo é um modo finito, uma coisa singular, que esta substância (Deus/natureza) exprime de forma certa e determinada⁵ sua essência. Por modo, Spinoza (2015) entende as “[...] afecções da substância, ou seja, aquilo que é em outro, pelo qual também é concebido” (p. 45). Diferentemente da tradição, o corpo não é um receptáculo da mente, uma quantidade qualquer com comprimento, largura e profundidade⁶, que teimam em dizer ser uma criação divina. Spinoza refuta esses argumentos concluindo que o corpo é um dos infinitos modos do atributo extensão de uma única substância absolutamente infinita, não sendo possível o corpo ser inferior à mente e só ter movimento ou repouso segundo as vontades dela, pois, por definições anteriores, o corpo é um modo finito do atributo Extensão, ou seja, uma modificação da

³ Cf. Spinoza, 2015, p. 85.

⁴ Cf. Spinoza, 2015, p. 67.

⁵ Cf. Spinoza, 2015, p. 91.

⁶ Cf. Spinoza, 2015, p. 69.

substância e a ideia um modo finito do atributo pensamento; ambos são atividades de uma mesma substância que não precisa de outra para ser explicada, exprimindo uma mesma realidade. Deste modo, o conceito de mente não delimita o conceito do corpo, ambos os modos são distintos por exprimirem potências diferentes da substância, contudo, entre elas existe uma relação de correspondência, como descrito por Rafael dos Santos Monteiro (2017) “ou uma coisa é distinguida de outra por meio de seu atributo, porque seu atributo difere do desta coisa, ou por meio de suas afecções, por possuir afecções distintas das de outra coisa” (p. 20). Logo, o corpo é uma expressão finita da natureza (Deus/substância), é uma coisa singular (coisas que são finitas e tem existência determinada⁷) que modifica e é afetada por outras causas, que, também sendo finitas, são afetadas e modificadas por outras e assim ao infinito⁸. É de se destacar aqui que Spinoza não considera o movimento como propriedade do corpo, pelo contrário, o corpo é a consequência do movimento que a potência da substância infinita exprime ao existir. Neste sentido também temos aqui uma ruptura, pois o movimento sempre foi entendido como um adjetivo dado ao corpo, sendo este último, um ser idealizado como estático e por isso o movimento seria só o predicado do corpo. Spinoza evidencia que por conta do atributo extensão ser infinito ele não pode ser determinado, por este motivo, a extensão só pode ser determinada pelo movimento, ou seja, os corpos são gerados a partir dos movimentos que a potência de agir da substância, ao exprimir sua essência, gera. Giorgio Gonçalves Ferreira (2018) ao indicar o movimento como a determinação do atributo extensão (digo por isso que o movimento é a causa da determinação do atributo extensão) também elucida acerca dos corpos finitos não anularem a infinitude da potência da substância que o gera:

Aliás, trata-se de uma questão que também envolve a discussão acerca do infinito, [...]. O movimento não é propriedade de um corpo, mas, inversamente, é a determinação a partir da qual o corpo é gerado. O movimento, ao passo que gera a determinação da quantidade infinita, gera, também, os corpos finitos; e, se o movimento gera o corpo finito, a finitude, ele gera a negação do infinito (TIE, §§88-89 e Ep. 12). Não é preciso que o finito anule o infinito para configurar-se como uma negação deste. O finito nega o infinito como uma contraposição — obviamente —, mas uma contraposição que se dá por derivação. Que o movimento gere a negação do infinito não significa que ele mesmo seja uma negação: a negação do infinito é efeito do movimento na medida em que ele causa a finitude. Da mesma maneira, pelo fato do corpo ser efeito do movimento e uma negação do finito, ele não se configura enquanto ente de razão, posto que existe (FERREIRA, 2018, p. 151).

⁷ Cf. Spinoza, 2015, p 127.

⁸ Cf. Spinoza, 2015, p. 93.

Exposto na proposição XXVIII da primeira parte da *Ética*, todas as coisas são determinadas a existir e operar por Deus, contudo o que é finito e tem duração em existir, não pôde ser gerado pela substância, pois tudo que segue de sua natureza é infinito e eterno. Tal afirmação é evidenciada no Corolário da proposição XXV: “As coisas particulares nada são senão afecções dos atributos de Deus [...]”. Podemos considerar, através das definições expostas até aqui, que o ser humano não é uma substância finita, mas um modo singular e finito da substância infinita, que embora seja composto por dois modos de dois atributos de potências distintas, essas potências exprimem a mesma realidade, em perspectivas diferentes, como declara Spinoza (2015) “Assim também um modo da extensão e a ideia desse modo são um só e a mesma coisa, expressa todavia de duas maneiras” (p.137). Adaptando esta afirmação podemos dizer que o corpo (modo de extensão) e a ideia dele formam um indivíduo. Esta ideia é o conceito da mente, que a mente forma por ser coisa pensante⁹. Neste ponto iremos incluir uma breve explanação, afinal, o ser humano é constituído de corpo e mente, Spinoza define o que ele entende por corpo, como dito anteriormente, mas porque ele não definiu pelos mesmos termos o que é entendido por mente? Para esta indagação, traremos uma passagem que Chauí (2016) expõe de forma sucinta porque a mente não é definida como sendo um modo que exprime de maneira certa e determinada a essência de Deus enquanto esta é considerada coisa pensante:

Embora todo pensamento singular seja modificação do atributo pensamento e, como tal, uma ideia, nem toda ideia é uma mente; ou seja, todas as modificações finitas do atributo extensão são corpos, todas as modificações finitas do atributo pensamento são ideias, mas nem todas as ideias são mentes (CHAUÍ, 2016, p. 57).

O indivíduo como corpo é um composto de vários corpos que tem ações e reações: internas, entre as partes do corpo, seus órgãos e tudo que eles representam, sua imagem; e externas com relação aos outros corpos que o envolvem, as coisas que o afetam. O indivíduo como mente também é um sistema de ações e reações, que envolvem ideias das coisas que o corpo percebe. As ideias são conceitos das coisas, ou seja, na medida em que o corpo sente os outros corpos, a mente também os sente ao seu modo, a mente é este sistema de ideias, que as apreende pelos movimentos, pelas afetações que o corpo recebe. O autor da *Ética* (1677) inclusive, nos indica porque o

⁹ Cf. SPINOZA, 2015, p. 125 ver também SPINOZA, 2015, p. 129.

termo conceito¹⁰ se adequa melhor ao que se refere o que seja o corpo em disposição à mente, assim sendo, o corpo é o objeto da mente, pois a mente constitui uma atividade de pensar o objeto, e o corpo é o objeto por ele pensado. Para aplicação desse conceito ele dá como exemplo o círculo existente na natureza e a ideia do círculo existente¹¹ como

uma só e a mesma coisa, que é explicado por atributos diversos; e portanto, quer concebamos a natureza sob o atributo extensão, quer sob o atributo pensamento, quer sob outro qualquer, encontraremos uma só e a mesma ordem, ou seja, uma só e a mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguirem uma das outras (SPINOZA, 2015, p. 137).

Com efeito, o exemplo dado por Spinoza através do círculo na natureza e a ideia deste círculo é utilizado para entendermos como se dá duas coisas diversas se referirem a uma só coisa. O círculo, modo de extensão, não tem semelhança alguma com a ideia que se tem dele, proveniente do modo de pensamento, ambos, no entanto, expressam a mesma coisa, da qual Deus é causa, porém de maneiras diferentes, a extensão é potência de agir e o pensamento potência de pensar. A essência/potência de Deus se evidencia através da atividade de seus atributos: pelos modos certos e determinados do pensamento, as ideias pelas quais as coisas são pensadas; pelos modos certos e determinados da extensão, realidades formais, coisas existentes em ato e percebidos pela mente, formando a ideia dele. Em outras palavras Chauí (1995) fala que o corpo humano é “uma maneira de ser singular constituída pela mesma unidade complexa que a de sua causa imanente, possuindo a mesma natureza que ela: pelo atributo Pensamento, é uma ideia ou mente ou alma; pelo atributo Extensão, é um corpo” (p. 54), ou seja, essa união destes dois atributos infinitos, que expressam a essência e existência da substância (deus/natureza) absolutamente infinita, forma o indivíduo que afeta e é afetado pelas coisas singulares, um sistema contínuo de ações e reações, sejam internas e/ou externas, um ser complexo constituído pelas ligações internas entre seus órgãos e suas partes e pelas externas com outros corpos ou por afecções dos corpos, em outras palavras a mente é conceito das mudanças, das ações e reações quando seu corpo tem relações com outros corpos e com as ideias das ideias dos outros corpos. Ainda sobre isso Chantal Jaquet (2011) nos expõe:

¹⁰ “Digo conceito, de preferência a percepção, porque o nome percepção parece indicar que a mente padece o objeto. Já conceito parece exprimir a ação da mente” (Spinoza, 2015, p. 125).

¹¹ Cf. SPINOZA, 2015, p. 137.

O círculo e a ideia do círculo não constituem, todavia, dois seres diferentes. É O mesmo indivíduo que é concebido ora como modo da extensão, o círculo, ora como modo do pensamento, a ideia de círculo. Dá-se o mesmo para todos os corpos da natureza e suas ideias. A árvore e a ideia da árvore não constituem dois seres diferentes, mas remetem a uma só e mesma coisa visada alternadamente como uma realidade material extensa ou como o objeto de um pensamento. As ideias do círculo, da árvore ou do corpo humano contêm objetivamente tudo o que o círculo, a árvore ou o corpo humano contêm formalmente. Para Espinosa, toda coisa possui uma essência formal, que exprime sua realidade, e uma essência objetiva, que é a ideia dessa realidade. A essência objetiva de uma coisa não é, pois, nada outro que a ideia dessa coisa, e se distingue da essência formal, que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma. A mente, enquanto ideia, é, portanto, a essência objetiva do corpo, isto é, compreende a título de objeto de pensamento tudo o que a essência do corpo compreende formal ou realmente, segundo a mesma ordem e a mesma conexão (JAQUET, 2011, p. 23).

Jaquet inclui nesta passagem uma nota de rodapé para que o leitor tome o cuidado ao interpretar o sentido do termo “objetivamente”, para não ser confundido com o antônimo de “subjetivamente”, pois o termo proposto indica o sinônimo de representação, e a palavra formal é remetida ao sinônimo de “real”, a atualidade daquele objeto em questão, em outras palavras. Podemos assim incluir, uma vez que a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas¹², que “o que quer que siga formalmente da natureza infinita de Deus segue objetivamente em Deus da ideia de Deus, com a mesma ordem e a mesma conexão” (SPINOZA, 2015, p. 135), tornando-se nítido aqui que os efeitos da potência de Deus, ao serem expressos através dos seus atributos, têm a propriedade de se desdobrarem em outras causas, e seguir outros efeitos e assim ao infinito, nos remetendo a outra passagem: “[o] conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e o envolve” (p. 47), reafirmando que tudo que é gerado por Deus na sua potência de pensar, é igualmente, segundo uma mesma ordem e conexão das causas, gerado pela sua potência de fazer as coisas, ou seja, não são as modificações de dois atributos que estão ligados, mas a ordem e conexão dos modos de pensar e de agir que são uma só e a mesma coisa.

Para alguns comentadores do autor, na proposição VII “A ordem e conexão das ideias é a mesma ordem e conexão das coisas¹³” está sendo configurada uma ideia semelhante ao paralelismo, não iremos nos aprofundar nesta discussão por não interferir no problema do presente projeto, contudo tal abordagem é de suma importância por se tratar de uma passagem, em que o autor, estabelece uma unidade entre corpo e mente.

¹² Cf. SPINOZA, 2015, p. 135.

¹³ Cf. SPINOZA, 2015, p. 135

Diante destas interpretações, comparando os atributos a linhas, os atributos estariam em paralelo, deste modo, não seria possível se estabelecer uma unidade entre corpo-mente, posto que coisas em paralelo não se cruzam, nem se tocam. Neste caso, traremos a interpretação de Jaquet, que explana o paralelismo de outros comentadores, e nos conduz a aplicação dela na obra de Spinoza:

Essa doutrina conduz a pensar a unidade como uniformidade. Ora, se a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas, isso não significa que os modos da expressão das ideias e das coisas sejam estritamente idênticos e revistam sempre a mesma importância. A ideia de paralela evoca a ideia de uma correspondência monolítica e conduz a buscar sistematicamente equivalências entre os movimentos corporais e os pensamentos, a colocá-los no mesmo plano. Os estados físicos são, assim, postos em acordo com os estados mentais da mesma maneira que um ponto de uma linha é religado a um outro ponto segundo um esquema estritamente bijetor. Ora, não somente uma tal associação não tem sempre interesse, mas ela não leva em conta o fato de que certos eventos se exprimem melhor em um registro do que em um outro (JAQUET, 2011, p. 29-30).

Ao passo que dialoga com a obra *Ética*, Chantal conclui que a doutrina da igualdade é mais apropriada para entender como se dá esta união entre corpo-mente, pois a identidade não exclui alteridade¹⁴ como ela afirma neste outro trecho:

Por conseguinte, que seja em Deus ou no homem, existe uma igualdade entre potência de pensar e potência de agir. Em Deus essa igualdade se manifesta entre o atributo pensamento e a infinidade dos outros atributos. No homem, ela concerne um modo do atributo pensamento, a mente, e um modo do atributo extensão, o corpo. Ela exprime a correlação entre a ideia e o objeto [...] (JAQUET, 2011, p. 32).

Após este adendo e com as definições já dadas anteriormente, podemos vislumbrar a ruptura que Spinoza demanda acerca da concepção do corpo humano; a não existência de um nível de hierarquia entre corpo e mente, e ambos serem a atividade finita da potência de ser/existir de Deus (substância/natureza). A potência da substância (Deus/natureza) é sua essência em existir e necessária para a existência de tudo, contudo a essência do indivíduo não pertence o ser substância, se assim o fosse, ele existiria necessariamente. Exatamente por ser a união de modos certos, partes desses atributos (Pensamento e Extensão) infinitos da existência da substância absolutamente infinita (Deus/natureza), são modificações, que afeta e é afetada por outros modos finitos, a essência do ser humano consiste nas modificações desses atributos, pela potência de pensar e pela potência de agir, ambas as potências exprimindo a existência da

¹⁴ Cf. JAQUET, 2011, p. 24

substância. Podemos considerar, pois, que a essência do homem é permanecer no ser, tendo em vista que existir é a essência do ser. É nesta disposição que o corpo humano é considerado uma coisa singular, pois “[s]e vários indivíduos concorrem para uma única ação de maneira que todos sejam simultaneamente causa de um único efeito, nesta medida considero-os todos como uma única coisa singular” (SPINOZA, 2015, p. 127). E como evidenciado por Monteiro (2017) nesta passagem sobre as coisas finitas:

A existência delas está envolvida por uma rede causal infinita, pela qual são determinadas por outras coisas de mesma natureza, e a qual também é recolhida pela imanência de Deus a toda a diversidade infinita da natureza. São modos, pois existem em Deus, e são finitas ao partilharem com outros seres finitos da mesma existência modal. São “coisas”, mas também são causas que se desdobram em efeitos sobre outras coisas/causas, estas também finitas (MONTeiro, 2017, p. 34).

Ainda nestas disposições e para confirmar a ruptura que Spinoza nos traz em sua filosofia, na proposição VIII da parte 2 de sua *Ética*: “As ideias das coisas singulares ou modos não existentes devem estar compreendidas na ideia infinita de Deus tal como as essências formais das coisas singulares ou modos estão contidas nos atributos de deus¹⁵”, alcançamos que o conhecimento das coisas singulares, ainda não existentes, está compreendido no intelecto de Deus, da mesma forma que a coisa formal, em ato. Concluimos esta exposição relevante com o Corolário desta mesma proposição para ficar elucidada a ideia do autor:

Daí segue que, na medida em que as coisas singulares não existem senão enquanto compreendida nos atributos de Deus, seu ser objetivo, ou seja, suas ideias, não existem senão enquanto a ideia infinita de Deus existe; e quando se diz que as coisas singulares existem não apenas enquanto compreendidas nos atributos de Deus, mas também enquanto são ditas durar, suas ideias também envolvem existência, pela qual se diz que duram (SPINOZA, 2015, p. 139).

Estas coisas singulares são afetadas de muitas maneiras¹⁶ por outras coisas singulares, enquanto elas se reconhecem como modos que são partes de atributos infinitos da natureza divina. Nós, coisas singulares, compostos de partes moles, duras, flexíveis, rígidas, fluidas, somos corpo-mente, e existimos como sentimos, pois, a ideia da mente é seu objeto tal qual a realidade dele. Então, o que quer que aconteça neste objeto, acontecerá na ideia deste objeto, dado que a ordem e conexão das coisas é a

¹⁵ Cf. SPINOZA, 2015, p. 137

¹⁶ Cf. SPINOZA, 2015, p. 129

mesma que das ideias, conseqüentemente uma relação entre as afecções do corpo e as ideias dessas afecções na mente. Contudo, apesar desta unidade, vale lembrar que corpo e mente são distintos, por representarem dois modos de uma mesma realidade, não sendo possível ao corpo determinar as ideias na mente e nem a mente determinar os movimentos e repousos do corpo, “ou seja, é possível sentir o corpo como ele realmente existe, mas o conhecimento e a percepção deste somente são possíveis através da mente” (SILVA, 2011, p. 44). Explicitado pela proposição XXXIII “A mente não conhece a si próprio senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (SPINOZA, 2015, p. 177), essas ideias das afecções do corpo, existentes na mente, estão contidas em Deus, enquanto compõem a sua natureza. Logo, ao passo que Deus tem a ideia da mente humana, ele também tem as ideias das ideias das afecções do corpo. Quando a mente humana apercebe seu objeto, quando ela forma uma ideia do que afeta seu corpo e o seu próprio corpo, essa ideia compreende a natureza do corpo exterior e do próprio corpo, como resultado, a mente percebe como existente o seu próprio corpo e o corpo que o afeta. Contudo, essas afirmações não implicam em um conhecimento adequado para com o próprio corpo, pelo contrário, por ser uma modificação, a mente possui um conhecimento parcial e só através das interações do seu próprio corpo com corpos exteriores é que consegue adquirir entendimento sobre este. Para uma melhor compreensão, esta passagem será de suma relevância:

No entanto, afirmar que a mente humana é a ideia das afecções do seu próprio corpo e por meio delas é ideia de si mesma, não implica que a mente tem um conhecimento adequado ou verdadeiro do seu corpo e de si mesma, ao contrário, ela perpassa por um conhecimento confuso do seu corpo e de si, ou seja, tem ideias imaginativas ou inadequadas. Imaginar é uma atividade corporal, logo, as imagens são causadas exclusivamente pelo corpo, em que seus correlatos mentais são as ideias imaginativas causadas pela própria mente em relação com o corpo, portanto, a imaginação é um conhecimento parcial e inadequado que a mente possui de seu corpo quando este afeta outros corpos e sendo por eles afetado de várias formas, isto é, a mente conhece o próprio corpo por meio da imagem que os corpos exteriores dele formam, e conhece estes últimos pelas imagens que seu próprio corpo forma deles (SILVA, 2011, p. 49-50).

Com a presença de Deus (substância/natureza) em todos os âmbitos relacionados às ações que as coisas singulares realizam umas às outras, por serem expressões da substância que é causa de si mesmo e de todas as coisas/causas, na proposição IX podemos assim inferir que “[a] ideia de uma coisa singular existente em ato tem como causa Deus não enquanto é infinito, mas enquanto considerado afetado por outra ideia

de coisa singular existente em ato, cuja causa também é Deus enquanto afetado por uma terceira, e assim ao infinito” (SPINOZA, 2015, p. 139). Essas noções acerca das coisas singulares são de muita importância para nosso estudo, pois, quando Spinoza conclui que nós, coisas singulares, somos modos da potência de ser e agir de Deus, refuta a visão de sermos uma substância finita, criadas pela livre vontade de um ser que reina fora do mundo criado por ele. Sob os argumentos que relacionam uma ideia a um corpo, estas afirmações não só se aplicam ao corpo humano, mas a todos os demais corpos. A saber, que a essência do corpo é um modo da potência agir de Deus, e a ideia é um modo da força pensante, o atributo pensamento, e é de sua natureza a mente, enquanto ideia, pensar o seu objeto, isto posto, a mente é a ideia do corpo¹⁷. Logo, por natureza, “[t]odos os corpos ou se movem ou repousam” (SPINOZA, 2015, p. 151), gerando consciência de alguma coisa e de si, através da compreensão que a mente dá negando ou afirmando tal ideia, pois a mente só pode determinar seu objeto quando ela o percebe. Esta percepção as interações que se dão no corpo, a partir das muitas maneiras que o corpo tem de ser afetado pelos corpos que são afetados por ele também; assim, podemos considerar que “as ideias que temos dos corpos externos indicam mais a constituição do nosso corpo do que a natureza dos corpos externos” (SPINOZA, 2015, p. 165). Observamos aqui que essas ideias que são negadas ou afirmadas, aumentam ou diminuem a potência do corpo em permanecer, em durar. As ideias que são pensadas de modo adequado são ideias adequadas. Para Spinoza é aquela ideia que “enquanto é considerada em si, sem relação ao objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas da ideia verdadeira” (2015, p. 127), aumentando a potência do indivíduo em existir. Conforme a mente conhece o seu objeto, ou seja, o seu corpo, mais o indivíduo possui mais potências que afirmam sua existência. E quando as ideias são julgadas de forma inadequada, isto é, quando a mente percebe a coisa parcialmente¹⁸, diminui-se esta potência. De acordo com o que já foi exposto ao longo deste texto:

Disso não somente entendemos que a mente humana é unida ao corpo, mas também o que se há de entender por união da mente e do corpo. Na verdade, ninguém a poderá entender adequadamente, ou seja, distintamente, se primeiro não conhecer a natureza do nosso corpo adequadamente. (SPINOZA, 2015, p. 149).

¹⁷ Cf. SPINOZA, 2015, p. 145

¹⁸ Cf. SPINOZA, 2015, p. 147.

E com o intuito de elucidar como procede a essência do ser humano, recordemos que o humano é constituído de um modo certo e determinado de dois atributos da substância, atributo pensamento e atributo extensão. Todas as coisas são geradas destes atributos que exprimem a essência da substância, sua essência é sua existência, de modo que os atributos, por constituírem a potência de existir da substância, tem a mesma essência dela, que configuram a *natureza naturante*, patente pelo Escólio da proposição XXIX da parte I da *Ética*. Pela necessidade de sua essência/existência, assim como a substância que a gerou, os atributos se desdobram em modificações, modos estes que também expressam a essência de Deus, contudo por constituírem uma forma certa e determinada, finita, não tem existência necessária, deste modo, sua essência não é existência, “daí segue que a essência do homem é constituída por modificações certas dos atributos de Deus” (SPINOZA, 2015, p. 143), referindo-se deste modo à natureza naturada. Spinoza considera como coisas que são em Deus e que sem ele não podem existir, tudo aquilo que procede da necessidade da natureza, isto é, os modos dos atributos que compõe a *natureza naturada*; o modo é uma parte certa, é uma determinação da potência dos atributos e das conexões causais da natureza naturada, ao mesmo tempo em que, exprime a essência e a potência da substância, de forma intrínseca, positiva e contrária à destruição, pois cada modo é um esforço (*conatus*) para perseverar no ser. Explicitado neste trecho da obra:

Por natureza naturada, entretanto, entendo tudo aquilo que segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que são em Deus, e que sem Deus não podem ser nem ser concebidas (SPINOZA, 2015, p. 97).

De fato, diante de todas essas exposições breves acerca do livro 1 e 2 da *Ética* (1677), para o filósofo, corpo e mente são modificações finitas da essência infinita da substância, a essência do ser humano difere da essência divina, posto que a definição de sua essência não está relacionado com as características da coisa, afinal elas são derivações da substância infinita. Deus, ou seja, a natureza naturante tem como essência existir, todas as coisas são expressões de sua existência necessária, que ele exprime através dos atributos, estes possuem sua essência, pois assim como a substância seguem a necessidade de sua essência. O corpo humano por ser uma modificação da potência de deus, sua essência não é a mesma da substância que a compunha, de fato, a sua existência, como coisa singular, não é necessária, por sermos expressões de sua

necessidade. A mente humana, afirma ou nega ideias, que aumentam ou diminuem sua potência de existir, por serem modificações de sua essência. Deste modo é imprescindível o fato de que a mente não seria possível sem o corpo, por serem causas e coisas de uma substância infinita. Rompendo mais uma vez com a tradição, podemos considerar que as ditas paixões, quando referido as afecções do corpo, tradicionalmente, deveriam ser afastadas da mente que possui razão e, por conseguinte, essa seria a essência do ser humano ao que se difere das outras coisas, contudo, diante do que foi falado sobre o corpo até aqui, é cabível afirmar que Spinoza considera as afecções como potência necessária para a existência do indivíduo, aproximando e igualando corpo e mente pela ordem e conexão das coisas e das causas. Assim como em deus, essa unidade dos atributos constitui a necessidade de um ser em que sua existência e sua essência coincidem, isto é, “aquilo mesmo que constitui a essência de Deus constitui simultaneamente sua existência, e por isso esta última e sua essência são um só e o mesmo” (SPINOZA, 2015, p. 83-85), em nós, coisas singulares, a sua essência é chamada desejo, que é o esforço (*conatus*) pelo qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser¹⁹; atuação da potência de existir e agir em decorrer das afecções dos corpos quando a mente as percebe no próprio corpo que afeta e é afetado. Com a intenção de corroborar com a tese de que a potência da substância se expressa pela existência de uma coisa singular, depois de termos compreendido sobre o corpo a partir dos estudos de Spinoza, trouxemos a passagem em que Chauí (2015) comenta:

Forma originária de nossa relação com o mundo, os outros e nós mesmos, as afecções do corpo e as ideias dessas afecções na mente não são representações cognitivas desinteressadas e fragmentadas. Se o fossem, seriam apenas experiências dispersas e sem sentido. São modificações da vida do corpo e significações psíquicas da vida corporal e mental fundadas no desejo de perseverar na existência, força vital que faz o corpo se mover (afetar e ser afetado por outros corpos) e a mente, pensar (CHAUÍ, 2015, p. 175).

Adiante nos debruçaremos acerca do conceito do que é o desejo, e segundo o próprio filósofo no prefácio da parte III, a origem e a natureza dos afetos seguem leis comuns da natureza, ou seja, o ser humano não perturba esta ordem, pois ele não possui potência absoluta sobre suas ações, os afetos se tratam de coisas naturais. O ser humano não é um império dentro de um império:

¹⁹ Cf. SPINOZA, 2015, p. 251.

Ademais, atribuem a causa da impotência e inconstâncias humanas não à potência comum da natureza, mas a não sei que vício da natureza humana, a qual, por isso, lamentam, ridicularizam, desprezam ou, o que no mais das vezes acontece, amaldiçoam; e aquele que sabe mais arguta ou eloquentemente recriminar a impotência da mente humana é tido como divino (SPINOZA, 2015, p. 233).

Se para Spinoza o corpo e a mente são modificações das potências de agir e de existir, respectivamente, enquanto estas últimas constituem a essência da substância, o desejo constitui a essência deste modo finito. É à vista desta noção que no próximo capítulo do nosso estudo será acerca das noções que Spinoza dedica sobre o Desejo, para que possamos alcançar sua definição.

3. CAPÍTULO II: SOBRE O DESEJO

Nesta segunda parte do nosso estudo iremos entender como Spinoza reinscreve o conceito de desejo pelas noções racionais de sua filosofia, considerando que o corpo humano é capaz tanto quanto a mente, como explanado no capítulo anterior, derrubando a soberba daqueles que pensam os afetos como algo irracional, pois a potência da natureza está em tudo e em todos. Em outras palavras, a natureza humana e todas as coisas ditas como não racionais, em que aqueles que se deixam levar pelas paixões e pelos afetos são chamados de loucos, fazem parte da natureza e devem ser conhecidas e explicadas pelas mesmas leis e regras de todas as outras coisas ditas como racionais. O autor, já no seu prefácio da parte três do livro *Ética*, nos diz que quase todos que falaram sobre os afetos e como os seres humanos vivem, pareciam falar sobre coisas fora da natureza. Nesta parte ele irá nos explicar, assim como nas partes um e dois, como sua filosofia rompe com a tradição ao aproximar a relação entre a mente e o corpo, e ao contrário dos que ridicularizaram e desprezaram os afetos, ele buscará entender os vícios e inépcias²⁰ dos humanos de maneira racional, pois, para o autor, de fato: “[...] a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir” (SPINOZA, 2015, p. 235), reiterando desta maneira, que só é possível entender a natureza de qualquer coisa através das leis e regras da natureza. De acordo com os encadeamentos, trataremos de analisar a partir de agora a natureza e a potência do desejo.

O corpo humano, como muito se foi dito na primeira parte deste texto, “pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, e também de outras que não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (SPINOZA, 2015, p.237), essas afetações que o corpo sofre - e também gera em outros corpos - Spinoza (2015) entende por afeto, ou “as afecções do corpo pelas quais a potência de agir do próprio corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções” (p.237). Jaquet (2011) corrobora nesta perspectiva quando nos aponta que Spinoza resgata os conceitos de afeto em termos tradicionais, porém unificando-os em um “conceito que compreende ao mesmo tempo uma afecção corporal e uma modificação mental” (p. 103). O corpo possui potência em agir, e a mente potência em pensar, portanto:

²⁰ Cf. SPINOZA, 2015, p. 235.

Primeiramente ao corpo enquanto pode ser modificado em virtude de sua natureza e da de suas partes. Sua condição de possibilidade reside na existência de um modo finito da extensão cuja natureza assaz composta o torna apto a ser disposto de um grande número de maneiras tanto no nível das suas partes quanto na totalidade. O afeto se funda, portanto, sobre uma física do corpo humano concebida como indivíduo complexo. [...] O afeto implica, por outro lado, que a mente, por ser coisa pensante, forma um conceito das afecções de seu corpo. Pouco importa aqui que a ideia seja adequada ou não. O afeto visado na sua realidade mental engloba tanto as ideias confusas quanto as ideias adequadas. Ele não é imediatamente assimilado a uma ideia confusa, como será o caso na definição geral dos afetos, em que se trata exclusivamente das paixões. A ideia de que se trata aqui é um modo do pensar em geral, adequado quando o afeto é uma ação, e inadequado quando é uma paixão. O afeto é uma realidade psicofísica. Compreender os afetos é portanto analisar simultaneamente o homem enquanto modo do atributo pensamento e enquanto modo do atributo extensão. Enquanto une uma afecção corporal e uma afecção mental que modificam a potência de agir, o conceito de "affectus" em Espinosa possui então uma significação que não recobre exatamente as acepções tradicionais do termo "paixão" (JAQUET, 2011, p. 103-104).

Nós podemos ser e ter causas adequadas e inadequadas, Spinoza define: “Denomino causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. E inadequada ou parcial chamo aquela cujo efeito não pode só por ela ser entendido” (2015, p. 237), assim, quando causamos ou sentimos de forma adequada chamaremos esse afeto de ação, e quando causamos e ou sentimos de forma inadequada, chamaremos de paixão, indicando assim os movimentos afetivos do ser humano, como descrito na definição II desta parte:

Digo que agimos quando ocorre em nós ou fora de nós algo de que somos causa adequada, isto é, quando de nossa natureza segue em nós ou fora de nós algo que pode ser entendido clara e distintamente só por ela mesma. Digo, ao contrário, que padecemos quando em nós ocorre algo, ou de nossa natureza segue algo, de que não somos causa senão parcial (SPINOZA, 2015, p. 237).

Desta maneira a mente humana esta sujeita “a tanto mais paixões quanto mais tem ideias inadequadas e, ao contrário, tanto mais age quanto mais tem ideias adequadas²¹”, porque surgem da necessidade e da força causal da natureza, não sendo possível a mente determinar o movimento ou repouso do corpo, e nem o corpo determinar a mente a pensar, por ambos terem a mesma força e a mesma necessidade, ora concebido pelo atributo Pensamento, ora sob o atributo Extensão, ou seja, assim como a concatenação das coisas é uma só, logo a ordem das ações e paixões do nosso corpo são iguais às ações e paixões da mente. A saber, as ideias das afecções do corpo

²¹ Cf. SPINOZA, 2015, p. 241.

são modificações que o corpo sofre ao mover-se, afetar e ser afetado por outros corpos, compondo sua autopreservação pela potência de agir, e na mente, a pensar essas ideias correspondentes. Spinoza nos indica que a determinação da mente e os movimentos do corpo, seus apetites e suas ações, são uma só e a mesma, explicado respectivamente, ora sob o atributo pensamento, ora sob o atributo extensão.

Na proposição III “As ações da mente se originam apenas das ideias adequadas; já as paixões dependem apenas das inadequadas” o autor retorna o que primeiro constitui a essência da mente para reafirmar que é a ideia do corpo existente em ato, ideia esta que é formada por muitas outras, dentre elas, algumas são adequadas e outras inadequadas; “enquanto a mente tem ideias inadequadas, nesta medida necessariamente padece; portanto as ações da mente seguem apenas das ideias adequadas [...]”. À vista disso, sobre o esforço²² que cada coisa tem para preservar na sua existência, podemos alcançar que as coisas singulares exprimem a potência de Deus, pela qual Deus é e age, e nenhuma coisa tem em si algo que a destrua, ao contrário, o quanto pode e está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser, demonstrado pela proposição VI: “Cada coisa, o quanto esta em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser”, ou seja, nenhuma coisa singular tem em si algo que a leve a própria destruição, pois as coisas singulares são modos certos e determinados da potência dos atributos que constituem a essência de existir da substância, sua natureza constitui e expressa sua existência, o que é patente na proposição IV:

Com efeito, a definição de uma coisa qualquer afirma, e não nega, a essência da própria coisa; ou seja, põe, e não tira, a essência da coisa. E assim, enquanto prestamos atenção à própria coisa, e não a causas externas, nada nela poderemos encontrar que possa destruí-la (SPINOZA, 2015, p. 149).

O ser humano, diferente das outras coisas singulares, tem consciência desse esforço que é da sua natureza, e é intrínseco ao ser para permanecer na sua existência. É importante perceber aqui que este esforço não está ligado somente ao ser humano, mas a outros seres ditos não racionais, por existir neles o desejo de procriar, assim como nos humanos, com o intuito de dar continuidade a sua existência. A substância que é absolutamente infinita, sua essência consiste em existir, ela é e age através dos atributos de pensar e agir, que expressam sua potência por modos certos e determinados, as coisas

²² Neste projeto usaremos *esforço* como tradução literal de *conatus*, satisfazendo a edição da obra *Ética* (1677) traduzido pelo trabalho coletivo do grupo de estudos Espinosanos coordenado por Marilena Chauí.

singulares, logo, essas coisas só seguem o que é de sua natureza necessariamente, se esforçam para perseverar no seu ser, até que causas e ou coisas exteriores a destruam. Acerca desta duração no existir, o autor nos revela que, para ele, pelas coisas serem modos de uma substância infinita e eterna, o esforço para perseverar no ser não envolve nenhum tempo definido, demonstrado nesta passagem: “Com efeito, se envolvesse tempo limitado, que determinasse a duração da coisa, então da só potência pela qual a coisa existe seguiria que a coisa não poderia existir depois daquele tempo determinado, mas deveria ser destruída” (SPINOZA, 2015, p. 253).

Após voltarmos a alguns conceitos, chegamos à singularidade do ser humano: como dito acima, todas as coisas singulares têm um esforço para permanecer na sua existência, contudo, o ser humano tem consciência da sua existência, que é indefinida, porém finita, por sermos modos certos e determinados da potência de existir dos atributos da natureza. Somos uma unidade entre dois modos, de pensar e de agir, a mente tem ideias claras e distintas, ou seja, adequadas, e também tem ideias confusas, as ideias inadequadas, ao passo que o movimento ou repouso do corpo, afeta e é afetado pelas coisas, todas estas causas e coisas geram um constante esforço para aumentar, favorecer, a potência de agir e de pensar do humano. Spinoza (2015) nos diz que este esforço, “quando referido à só mente, chama-se vontade; mas quando é referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, que portanto não é nada outro que a própria essência do homem” (p. 253), cabe lembrar aqui que o autor evidencia o esforço em um âmbito racional, é necessário pensar adequadamente, somente desta maneira teremos mais potência para agir, causas adequadas de nossas decisões, certos e determinados. Chauí (1995) reforça:

Em outros termos, um desejo só se encontra em nossa alma ao mesmo tempo que a ideia da coisa desejada. Na paixão, a coisa desejada surge na imagem de um fim externo; na ação, como ideia posta internamente por nosso próprio ato de desejar e, portanto, como algo de que nos reconhecemos como causa, interpretando o que se passa em nós e adquirindo a ideia adequada de nós mesmos e do desejado. E é no interior do próprio desejo que esse desenvolvimento intelectual acontece (CHAUÍ, 1995, p.69).

Através dos encadeamentos do início deste capítulo com as noções do corpo, do capítulo anterior, podemos vislumbrar que a natureza necessária do ser humano é aquilo que segue à sua conservação. Para o filósofo, autor deste conceito, sobre o apetite e o desejo não existe nenhuma diferença, exceto que o desejo é, no geral, dito aos que tem

consciência do seu apetite, ou seja, “o desejo é o apetite quando dele se tem consciência²³”, esta natureza de autopreservação não é só aquela que ocorre em todas as outras coisas, mas ela determina e faz perseverar no ser, o aprimora e o expande, pois tudo se dá na imanência, o ser sempre está agindo por potências necessárias, sua autopreservação, e contingentes, sua expansão. Podemos constatar aqui “que não nos esforçamos, queremos, apetecemos, nem desejamos nada porque o julgamos bom; ao contrário, julgamos que algo é bom porque nos esforçamos por ele, o queremos, apetecemos e desejamos” (SPINOZA, 2015, p255). Ainda sobre isso;

Eis por que Espinosa afirma que a essência do homem é desejo, consciência do que, no corpo, se chama apetite. Assim, dizer que somos apetite corporal e desejo psíquico é dizer que as afecções do corpo são afetos da alma. Em outras palavras, as afecções do corpo são imagens que, na alma, se realizam como ideias afetivas ou sentimentos. Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva (CHAUÍ, 1995, p. 64).

Feito esta constatação rompemos com um dos tradicionais conceitos; o desejo não pode ser considerado a falta de algo, uma coisa extrínseca, a ideia de uma coisa fora da mente; quebrando com a presunção de relacionar o desejo a vícios e supondo uma dependência do corpo com relação à mente, ou um conflito entre eles, pois fica patente pela proposição XI que “o que primeiramente constitui o ser atual da mente humana é nada outro que a ideia de uma coisa singular existente em ato”, sendo assim, o ser humano não é algo incompleto em busca de algo para preenchê-lo, ele é parte de um todo, modos da potência da natureza. Segundo Monteiro (2017):

Os serem singulares são *partes* da natureza porque compõem todos juntos o *todo* que ela é, exprimindo sua potência através dos atributos que o constituem e operando as leis necessárias de sua realização pelos modos infinitos imediatos; ao mesmo tempo, cada coisa particular pode também ser pensada como um *todo*, porque é ela mesma composta de outras *partes* que agem em consonância com as leis de sua essência (MONTEIRO, 2017, p. 143).

Assim o processo de movimento e repouso que constitui a natureza do indivíduo, fazendo com que as coisas se singularizem na sua individualidade, tem sua essência nesta unidade particular entre mente e ideia das ideias do corpo (as afecções), e nesta relação dinâmica interior, evidenciando suas ações, o ser humano é potência de vida, algo constituído pelo desejo, que nada mais é que o apetite quando se tem consciência

²³ Cf. SPINOZA, 2015, p. 255.

dele. Entendemos que a ordem e conexão das ideias é a mesma que as das coisas, assim como a potência dos atributos são infinitos, as modificações certas e determinadas se desdobram, pois a mente só percebe a si mesmo e o seu corpo pelas ideias das afecções que o corpo tem nas relações entre outros corpos e na relação das suas partes interiores. O que fica patente pela proposição XIV: “A mente humana é apta a perceber muitíssimas coisas, e é tão mais apta quanto mais pode ser disposto o seu corpo de múltiplas maneiras” (SPINOZA, 2015, p. 163). Não temos de nosso corpo, ou de nossa mente, como já foi revisitado, conhecimento adequado, só pelas afetações que geramos e sofremos de outros corpos sobre nós, é que somos aptos a perceber adequadamente o que ocorre com o nosso corpo, dado que as ideias das afecções do corpo constituem a mente, como a ideia de uma coisa singular existente em ato.

A partir deste ponto, entendemos a natureza e a potência do desejo, pelo viés da filosofia de Spinoza, e alcançamos que o desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer (agir) algo por uma dada afecção sua qualquer²⁴, uma força intrínseca para existir e conserva-se na sua existência, pois como já foi dito, nenhum ser tem em si algo que o destrua. Somos potências de vida, na definição deste conceito em Spinoza não entra a morte, esta surge do exterior. Como dito no prefácio desta parte III, o autor busca entender a natureza e a potência dos afetos de forma racional, justamente para debater que aqueles que seguem seus afetos são ditos loucos, aqui visamos entender a potência do desejo e sua natureza, entendemos, pois, que a natureza desta é a mesma de todas as outras coisas. Em toda sua filosofia a definição de qualquer coisa afirma sua existência e não a nega, pois é uma potência para ela existir, o esforço que cada ser tem para perseverar na sua existência, é a própria essência da coisa, é uma potência natural, pois todas as coisas são modos dos atributos infinitos da natureza que exprimem sua existência.

Cada coisa finita apresenta este esforço de duas maneiras, primeiramente, cada corpo, cada modificação, pode ser limitada por outra coisa finita mais forte, e por este fato os corpos buscam essas interações, se movimentam para conhecer os outros corpos e assim se conhecem a si mesmos, e a partir desses movimentos, dessas ações, na tentativa de melhorar, desenvolver-se para obter conhecimento que eles afetam e são afetados por outros corpos e assim buscam sua autopreservação; na mente, expressam

²⁴ Cf. SPINOZA, 2015, p. 339.

estas relações em afetos, que no mesmo modo que nos corpos, buscam desenvolver-se ampliando suas aptidões para aumentar seus pensamentos e ações. A segunda maneira é que estes corpos tentam alcançar de forma inversa e particular a mesma coisa, em que seus respectivos apetites inclinam-se à luta, causando infortúnios contra si mesmos e contra os demais corpos, visto que um corpo é mais fraco que outro, o mais fraco tende a ser destruído por causas exteriores, por potências de corpos exteriores; na mente estes infortúnios ocorrem através das paixões e das ideias inadequadas, que sua gênese é o conflito que buscam solucionar quando suas ideias enfrentam outras mais fortes que elas, ou quando se submetem aos desejos dos outros, deixando-se dominar por eles. Conseqüentemente o padecimento de um corpo corresponde simultaneamente ao padecimento de uma mente.

Todos os seres possuem este esforço, um esforço para perseverar no seu ser, contudo, de todos os seres, somente os humanos tem consciência deste esforço, isto é, ao passo que a mente humana é cônica de si mesma através das ideias das afecções do seu próprio corpo, tem ao mesmo tempo consciência deste esforço, ainda que seja na ação ou na paixão, ou seja, quer tendo ideias adequadas ou tendo ideias inadequadas, o ser humano busca sua autoconservação. Para Spinoza, este esforço apresenta algumas particularidades, que ele conceitua de vontade, apetite e desejo. A vontade resulta da própria consciência que a mente tem de si mesma, portanto, como dito anteriormente, o desejo, quando referido apenas à mente, pode ser compreendida pelo esforço para perseverar no ser, no entanto, vale aqui ressaltar a noção que Spinoza tem deste termo. Ao analisar o conceito de vontade dentro da obra *Ética*, por sermos modos dos atributos, que constituem a essência de uma substância, as coisas e as causas também existe por necessidade para exprimir essa essência, que se desdobram em outras causas e coisas, tornando-se impossível à vontade ser considerada uma escolha do indivíduo, o que fica patente pela proposição XLVIII da parte dois: “[...] por vontade entendo a faculdade de afirmar e negar, mas não o desejo; entendo, repito, a faculdade pela qual a mente afirma ou nega algo ser verdadeiro ou falso, e não o desejo pelo qual a mente apetece ou tem aversão às coisas” (SPINOZA, 2015, p. 217). Desse modo, conforme o autor explica, a vontade não é uma faculdade de escolha, um desejo em agir, de querer ou fazer algo, mas sim uma capacidade para afirmar ou negar, para inferir se algo é verdadeiro ou falso, conhecer o verdadeiro e o falso, onde o primeiro está em contraposição ao segundo, com o intuito de assegurar sua existência. Portanto podemos

considerar a vontade como uma operação para negar ou afirmar coisas particulares ou singulares a partir das ideias que a mente tem do seu corpo ao afetar e ser afetada. Ainda sobre isso:

Na mente não é dada nenhuma faculdade absoluta de querer e não querer, mas apenas volições singulares, a saber, esta ou aquela afirmação e esta ou aquela negação. Concebamos, pois, uma volição singular, a saber, um modo de pensar pelo qual a mente afirma que os três ângulos do triângulo são iguais a dois retos. Esta afirmação envolve o conceito, ou seja, a ideia de triângulo, isto é, não pode ser concebida sem a ideia de triângulo. É o mesmo, com efeito, se eu disser que A deve envolver o conceito de B ou que A não pode ser concebida sem B. Além disso, esta afirmação também não pode ser sem a ideia de triângulo. Logo, esta afirmação não pode ser nem ser concebida sem a ideia de triângulo. Ademais, esta ideia de triângulo deve envolver esta mesma afirmação: seus três ângulos igualam-se a dois retos. Por isso, inversamente, esta ideia de triângulo, sem tal afirmação, não pode ser nem ser concebida e, portanto, esta afirmação pertence à essência da ideia do triângulo e não é outro senão ela própria. E o que dissemos desta volição (visto que a tomamos ao nosso gosto) cumpre dizer também de qualquer volição, a saber, que nada é senão a ideia. Vontade e intelecto são um só e o mesmo. Vontade e intelecto nada são senão as próprias volições e ideias singulares. Ora, uma volição e uma ideia singulares são um só e o mesmo, logo vontade e intelecto são um só e o mesmo (SPINOZA, 2015, p. 217-219).

Como efeito, a vontade é tida como uma atividade para afirmar ou negar coisas singulares a partir das ideias. Isto posto, vontade e intelecto, segundo Spinoza, são iguais, dado que afirmar ou negar ideias consiste, em primeiro lugar, conhecer o verdadeiro e o falso. Concordar com uma concepção, antes de tudo, envolve perceber aquilo que você afirma ou nega, pois não é possível concordar com algo que não se percebe, que não se tem ideia, por isso não se pode ter, a seu respeito, qualquer vontade. O esforço, quando referido simultaneamente ao corpo e a mente, Spinoza o chama de apetite, da qual se segue coisas que serão imprescindíveis para sua preservação. Este apetite e o desejo, para Spinoza, são iguais, pois o desejo refere-se ao ser humano enquanto este tem consciência do seu esforço, logo desejo é o próprio apetite consciente.

Ainda assim, apesar do apetite ser considerado o desejo mais a consciência que dele se tem, ou seja, o apetite é a própria essência humana, vale ressaltar que não há distinções entre desejo e apetite; quer o ser humano tenha consciência ou não do seu apetite, ele permanecerá até que algo externo o destrua. O autor não busca explicar o desejo por meio do apetite, mas mediante as definições que envolvem e compreendem o esforço da natureza humana em perseverar no ser como o apetite, vontade, desejo, impulso. Ao dizer que o desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida ou

determinada a fazer algo, não expressa se a mente está consciente do seu desejo ou apetite, ela está determinada a agir por uma dada afecção sua qualquer. Afecção, recordemos, é o estado da coisa, quando afeta e é afetado pelas coisas. Por isso podemos conceituar o desejo como todos os esforços, apetites, impulsos e vontades do ser humano que mudam de acordo com seu estado, que a mente percebe através do corpo, não estando constantemente sendo conduzido pela razão. Assim, este desejo sobre as coisas se inicia de movimentos internos para fora, resultante desta necessidade natural do ser humano de buscar aquilo que serve a sua própria conservação, a apetecer coisas que preservem sua existência.

O ser humano se esforça de muitas maneiras para permanecer na sua existência, por este modo, são os únicos a serem conscientes deste esforço, contudo esta consciência não é suficiente para que seja realizada de forma plena sua conservação. Para que o ser humano persevere é necessário um conhecimento das coisas que o cercam, isto é, um aperfeiçoamento, uma análise racional com o intuito de determinar aquilo que o favoreça ou o prejudique. Assim, entre o ser humano e as coisas exteriores a ele, existe essencialmente uma compreensão, a mente percebe as coisas que afetam seu corpo, ou seja, as afecções que a mente percebe quando o corpo afeta, e é afetado, pelos movimentos que ele faz para conhecer as coisas e a si mesmo, logo, é possível afirmar que, viver de acordo com a natureza, é viver de acordo com a razão, baseado que o esforço para perseverar no ser só é possível pela ação de ideias que a mente tem acerca das coisas que afetam o seu objeto. Este equilíbrio entre a capacidade natural à conservação e a faculdade da razão poderia ser simples, se as coisas exteriores não tivessem potência maior que a do ser humano ao afetá-lo e causar-lhe os afetos, que provocam um possível desequilíbrio, pois aumentam ou diminuem sua potência de agir, que o podem levar ao padecimento tanto da mente quanto do corpo. Diante deste desequilíbrio, pois as paixões que aparecem aos seres humanos quase sempre corrompem a razão, Spinoza admite este poder dado às paixões que podem arrastar o ser humano de um lado para o outro sem saber para onde se dirigir, contudo essa harmonia pode ser possível, se, e somente se, o ser humano estiver sendo conduzido pela razão, conhecendo a si mesmo e as coisas que o afetam, o que nem sempre pode ser possível. Para a autoconservação o ser humano busca aquilo que seja útil e o faça perseverar no ser, porém esta busca deve ser adequada, ou seja, racional. Só desta forma o ser perseverará de forma racional:

Portanto, entendo aqui pelo nome desejo quaisquer esforços, ímpetos, apetites e volições de um homem que, segundo a variável constituição do mesmo homem, são variáveis e não raro tão opostos uns aos outros que ele é arrastado de diversas maneiras e não sabe para onde voltar-se (SPINOZA, 2015, p. 339).

A inclinação que o ser humano tem para perseverar no ser é visto em todos os seres, é interessante ressaltar que o ser humano pode confundir se este ou aquele desejo é útil ou prejudicial para sua conservação, pois ele pode ter um conhecimento inadequado acerca deste ou daquele desejo, já que Spinoza tem como base o desejo ser a própria essência do ser humano, mesmo nas paixões, pois se está buscando aquilo que conserve sua existência, logo, podendo confundir este conhecimento, até porque as paixões são resultado de ideias inadequadas. Portanto, quer tenha ideias adequadas ou tenha ideias inadequadas, o ser humano esforça-se para perseverar no seu ser.

O autor introduz esta ruptura acerca do conceito de desejo pela potência de agir que o corpo possui, pois não há nenhuma contraposição, se não existem somente afetos do corpo e da mente, mas também afetos do corpo ou da mente, esses afetos que têm sua origem no corpo, quando afeta e é afetado por outros corpos, a mente percebe essas afecções do corpo e isso repercute aumentando ou diminuindo sua potência de pensar, conseqüentemente, a potência de agir do corpo. Todo discurso sobre os afetos, é em alguma medida, sobre a essência da união do corpo e da mente humana. O discurso físico relacionado aos afetos, para Spinoza, não afasta considerações sobre a mente, pelo contrário, integraliza sob o modo de correspondência. O que fica patente pela proposição VII da parte dois, pela proposição XIV da parte dois e pela proposição XI da parte três: “O que quer que aumente ou diminua, favoreça ou coíba a potência de agir de nosso corpo, a ideia desta mesma coisa aumenta ou diminui, favorece ou coíbe a potência de pensar de nossa mente” (SPINOZA, 2015, p. 255).

Os afetos mentais, embora omitam a referência atual do corpo, não implicam no afastamento deste último no que concerne a ideia que o exprime: “[...] a mente envolve a existência atual do próprio corpo. Por fim mostramos que a potência da mente pela qual imagina e recorda as coisas também depende disto: ela envolve a existência atual do corpo” (SPINOZA, 2015, p. 257). Explicitado no Escólio da proposição II da parte três, como já havíamos explicado, “nada podemos fazer por decreto da mente se não o

recordamos. Por exemplo, não podemos falar uma palavra se não a recordamos²⁵”, pois bem, a lembrança causa memória; “Com efeito, não é nada outro que alguma concatenação de ideias que envolvem a natureza das coisas que estão fora do corpo humano, a qual ocorre na mente segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano” (SPINOZA, 2015, p. 171). Spinoza (2015) conclui que, “os decretos da mente não são nada outro que os próprios apetites, os quais, por isso, são variáveis de acordo com a variável disposição do corpo” (p. 247). Além do mais, sejam físicos ou mentais, os afetos são de naturezas interiormente diferentes, por se desdobrarem de atributos distintos, a saber, pensamento e extensão, e, como pontuado nesta passagem:

[...] a partir das definições dos afetos que explicamos, que todos se originam do desejo, da alegria e da tristeza, ou melhor, nada são além destes três, os quais costumam ser chamados por vários nomes em função de suas várias relações e denominações extrínsecas (SPINOZA, 2015, p. 365).

Entendo aqui a alegria e a tristeza como o aumento ou diminuição, favorecimento ou coibição da potência de agir do nosso corpo, e conseqüentemente, da nossa mente. Ou seja, “por *alegria*, entenderei na seqüência *a paixão pela qual a mente passa a uma maior perfeição*. Por *tristeza*, *a paixão pela qual ela passa a uma menor perfeição*²⁶”. A essência dos afetos são fundamentalmente a mesma, um esforço para perseverar no ser, pois constituem variações do desejo, da alegria, e da tristeza, por Spinoza definido como “afetos primários²⁷”. Notamos aqui que as especificações e denominações dessas variações dos afetos primários, não estão ligadas, somente, às relações com objetos externos, mas também às relações no que concerne ao corpo ou à mente. Corroborando com esta ideia, Alain (1972, p. 170 apud Jaquet, 2011, p. 194):

Há o eterno em cada um, e isso é propriamente ele. Tente conquistar essa potência que lhe é própria, nesses instantes felizes em que ele é ele mesmo, em que ele se traduz todo na existência, por um concurso feliz das coisas e dos homens. Os néscios dirão que essa felicidade lhe é exterior; mas o sábio compreenderá talvez que nesses momentos de potência ele é altamente ele mesmo (JAQUET, 2011, p. 194).

Através destas ordenações, satisfazer o desejo não implica em tornar-se perfeito, um ser completo, e sim, a satisfação consigo mesmo é a alegria que nasce ao contemplarmos a potência de agir do corpo e que esta mesma alegria na mente aumenta

²⁵ Cf. SPINOZA, 2015, p. 247.

²⁶ Cf. SPINOZA, 2015, p. 257.

²⁷ Cf. SPINOZA, 2015, p. 257.

seu decreto. Conseqüentemente, uma ideia contrária a esta, segundo Spinoza, leva ao arrependimento que é a tristeza conjunta à ideia de um ato que cremos ter realizado pelo decreto livre da mente²⁸. Podemos notar, pois, que o desejo pode ser visto sob duas formas de expressões através da teoria dos afetos: quando o ser aumenta sua potência ele se alegra, e quando o ser humano padece, ele se entristece, pela potência de pensar e pela potência de agir, concebendo uma igualdade que afirma que a mente envolve a existência atual do próprio corpo, fazendo do corpo o objeto primeiro da razão, anulando o tradicionalismo que aponta o conceito de desejo como falta de algo, configurando-o como “verbo intransitivo” em que o seu fim não é extrínseco, pois ela é a própria essência do ser humano, ou seja, o esforço natural humano para perseverar no ser.

²⁸ Cf. SPINOZA, 2015, p. 353.

4. CONCLUSÃO

Vários filósofos, por meio de suas obras, tiveram uma grande importância e contribuíram para o conhecimento filosófico. Neste presente projeto expomos uma breve análise que certamente trouxe uma grande contribuição acerca do conhecimento ontológico. Estudamos as três primeiras partes da obra *Ética* (1677), do filósofo Spinoza, para a partir da sua perspectiva sermos conduzidos a entender o conceito do desejo e como a potência do corpo contribui para esta redefinição em vista da tradição filosófica. Apresentando uma nova observação com relação à potência do corpo e sua união com a mente, a primeira parte do livro “*De Deus*” explanou definições de suma importância, que puderam nos conduzir a natureza das coisas singulares e consequentemente o que pode o corpo.

Spinoza surge no século XVII com uma filosofia que vai de encontro daquela vista tradicionalmente. A exemplo de Platão, que firmou suas ideias afirmando que a alma, enquanto plena e perfeita, estava presa ao corpo, sendo este último um obstáculo para sua plenitude; enquanto alojada neste receptáculo, a alma estava impossibilitada de ser completa, pois afetada pelas sensações do corpo, não poderia encontrar o caminho de realizar-se em sua plenitude, e não encontrando seu complemento adequado. Em Aristóteles o corpo é um *órganon*, ou melhor, um instrumento, uma ferramenta para a alma, que esta última utiliza para agir no mundo; um receptáculo, que se relaciona com as outras coisas, enquanto a alma é o princípio da vida. Descartes, já no século XVII, introduz sua filosofia afirmando a existência de uma separação entre corpo-alma, apontando que elas eram de substâncias diferentes, com naturezas próprias. O ser humano, segundo Descartes, é formado pela união de duas substâncias distintas.

Rompendo com a tradição e negando também a ruptura que Descartes introduz entre corpo e alma, Spinoza entende que substância é aquilo cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa, que é em si e é concebido por si, por este fato o ser humano não é a união de duas substâncias, mas um dos infinitos modos finitos dos atributos que constituem a substância absolutamente infinita e eterna. O caminho utilizado pelo autor para este argumento é propor um Deus, que, por não precisar do conceito de outra coisa para ser explicado, é uma substância; que expressa sua natureza, que é causa de si mesma, através dos seus atributos infinitos (pensamento e extensão).

Diante de tais afirmações corpo e mente (mente de preferência em relação à alma, pela tradução do texto analisado) são modos finitos que exprimem a mesma realidade de formas diferentes, ora sob o atributo extensão, ora sob o atributo pensamento. Por serem atividades iguais com potências equivalentes, não há uma hierarquia entre corpo e mente, pelo contrário, elas são concebidas sob a mesma natureza e os mesmos princípios, todavia expressos distintamente. A mente, na segunda parte da obra, nos demonstra que ela é a ideia do corpo, e, portanto, está necessariamente ligado ao seu objeto, porque sua atividade é pensá-lo, refutando aqueles que removem o corpo da natureza, e atribuindo-lhe potência. O afastamento que a tradição sugere da mente em relação ao seu corpo, para alcançar conhecimento e ter plenitude, Spinoza, ao contrário, aprofunda esta relação ao ligar a mente ao corpo como uma ideia está ligado ao seu objeto, logo as afecções do corpo e as ideias dessas afecções nada mais são que as modificações que acontece ao corpo por ele afetar e ser afetado por outros corpos, e as ideias que a mente percebe no seu corpo mediante essas atividades. Assim, este Deus que expressa sua essência através dos atributos que constituem sua existência, seus modos finitos também expressam sua essência, não necessariamente como seus atributos, por serem modificações, são lidos como partes que se esforçam para perseverar no ser. Assim a finalidade do corpo e da mente é a sua própria existência e tudo aquilo que possa conservá-los.

Pelos encadeamentos o ser humano quer aja de forma adequadamente quer aja inadequadamente, segundo Spinoza, sua essência é se esforçar para autoconservação, já que a essência da substância que tudo gera é a sua existência. A mente humana quando aceita sua natureza, ou seja, seu poder de pensar, afirma que o ser humano é consciente, diferindo, desta maneira, das outras coisas singulares. Quando ele age sob os princípios da razão, aumenta sua potência de perseverar no ser. Ter ideias inadequadas ou adequadas, não significa que a primeira seja um intermédio para alcançar esta última. Embora o ser humano seja consciente de suas ações, sua predisposição às paixões, transforma seu esforço em causa parcial e confusa de suas ações e ideias, dado que na paixão ele é coibido a sentir, agir e pensar pelas afetações de outros corpos externos, não podendo agir sempre de forma adequada. Lembrando que os corpos são afetados e afetam de várias maneiras e a todo o momento por outros corpos externos, a mente, por estes movimentos, conhece o máximo de causas possíveis, de modo que o ser humano se esforça para ser causa adequada de suas ações e aumentar sua potência para existir.

Todas as coisas singulares são modificações dos atributos da substância, e por este motivo, possuem uma potência intrínseca para autoconservação, que Spinoza chama de esforço para perseverar na existência, e que ele determina como sendo sua essência. Entretanto, o ser humano difere das outras coisas por ter consciência deste esforço, nós, coisas singulares, não só possuímos um esforço que faz perseverar na existência, mas somos a própria potência, que, enquanto essência humana, Spinoza chama de desejo. Em vista disto, entre apetite e desejo, segundo o autor, não há diferença, senão a de que o desejo é geralmente dito aos seres enquanto conscientes de seu apetite, ou seja, o desejo é o apetite mais cômico que dele se tem. Entendemos que as afecções e os afetos são o que manterão a duração do indivíduo, pois as afecções do corpo são afetos na mente, na medida em que o indivíduo tem afetos alegres ele aumenta sua potência de existir, visto que exprimem o esforço humano que o faz perseverar na sua existência, assim ao padecer por ter afetos tristes, o indivíduo torna-se causa parcial de suas ações, diminuído sua potência, ou seja, ele é causa inadequada de seus afetos quando estes são causados por causas exteriores, e é causa adequada quando são causadas pelo seu próprio esforço.

É importante aqui lembrarmos que os afetos são expressões das alterações da intensidade deste esforço em durar, aumentando ou diminuindo sua potência, de modo que este esforço é uma força intrínseca, positiva e afirmativa, pois em sua natureza não há nada que exclua sua existência, diante disto, o ser tem uma duração indefinida, sendo somente destruído por forças de causas externas que são mais fortes e que coíbem seu esforço em durar. Esta variação da intensidade deste esforço tem relação com os apetites e desejos humanos e naturalmente com as forças externas que são infinitas, de maneira que a intensidade do desejo é correspondente ao objeto desejado, ou seja, aumenta ou diminuí, favorece ou coíbe, conforme o objeto é ou não obtido, pois constatamos, segundo Spinoza, que não nos esforçamos, queremos, apeteçemos e desejamos nada porque julgamos bom, mas julgamos que algo é bom porque nos esforçamos, queremos, apeteçemos e desejamos.

A tradição busca implicar, em suas obras, que os indivíduos sejam racionais e autônomos, afastar à mente do corpo seria a saída para alcançar essa plenitude. Spinoza desvincula esse sentido moral do valor da razão, ao indicar que os seres humanos, na ação ou na paixão, estão sob as leis e potências da natureza. A mente é ideia do corpo, a potência do corpo é afetar e ser afetado de muitas maneiras, dado que, o corpo se define

pelas relações internas entre seus órgãos e pelas relações externas com outros corpos, ao passo que a potência da mente é pensar, seu esforço consiste em perceber, ter ideias das afecções do seu corpo, quando afeta e é afetado, pelas coisas externas e pelos movimentos internos. Com efeito, nas definições, Spinoza se refere à causa adequada e inadequada a um efeito que o ser humano percebe, por vezes clara e distintamente, e, por vezes parcial e de forma confusa.

Com isto, podemos expor de forma breve que a união entre corpo-mente, deve ser compreendida, tal como em Deus, como necessidade de uma essência que se faz existência formal, em ato. A igualdade entre os modos finitos de atributos distintos pôde ser explicada pela definição de essência da substância que é causa de si. Esta relação de reciprocidade entre a essência de uma coisa e a própria coisa é, por Spinoza, aplicada tanto à essência e ao ato de existir da substância, quanto às coisas finitas de duração indefinida. Assim, apesar da dependência de outras coisas para podermos continuar existindo, nossa existência também deve ser lida como atuação da nossa essência.

Por estes termos chegamos à conclusão de que Spinoza reinscreve o conceito de desejo ao demonstrar, na investigação da relação mente-corpo de uma coisa singular, que seus fenômenos mentais e corpóreos são a atuação de sua essência, que ele denomina como o esforço para perseverar no ser. Não havendo em sua filosofia nenhum tipo de privilégio dentro desta relação, a igualdade das potências de agir e de pensar são a essência atual ou desejo. Assim, as atividades que se passam nessa interação entre a mente e o corpo são ações da potência singular. O desejo é o esforço para fazer aquilo que contribua para a permanência da existência do ser, quando afetado pelas relações exteriores e entre suas partes. É através deste esforço que o indivíduo determina suas ações, todos os processos no corpo e na mente.

O que chamamos de mente humana, para Spinoza, é a atividade de pensar uma existência certa e definida, uma estrutura corporal, uma interação entre partes moles, duras, fluídas que se reúnem para um mesmo fim a que chamamos de humano. Mantemo-nos, neste projeto, focados na intenção de conhecer somente a natureza e potência do desejo dentro da terceira parte da obra estudada, porém, isto não exclui a possibilidade, de por esta definição, conhecer seus desdobramentos, que o autor chama de afetos. Defendendo a unidade da potência do corpo e da mente como um esforço, e como ele manifesta a essência divina, nutrimos que o entendimento particular é gerado

pela experiência da vivência do corpo em ato e sua experiência imediata, percebida pela mente ao pensar, ter ideias dessas afecções.

É neste sentido que a compreensão de si mesmo e das coisas é pensada, em vista da perspectiva do autor, o desejo é o esforço de sua essência. O método aplicado por Spinoza para investigar como se dão os afetos foi através da racionalidade, portanto a experiência corporal do indivíduo também implica no conhecimento de si e das coisas, não sendo possível afastar a razão da mente das afecções do corpo. O ser humano é o seu próprio corpo e a consciência de sua existência, desejo por ser. Nós, coisas singulares, nos fazemos e nos exprimimos no mundo por meio de ideias e de atos, e não há falta de razão que possamos aplicar nas necessidades que o desejo inferiu nos atos de nossa vivência singular e do que a vida nos transformou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, W.L.; GACKI, S.R. Desejo e beatitude em Spinoza. **Revista Húmus**, Mai/Jun/Jul/Ago. 2011. Nº 2. P. 5-14. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1626>> Acesso em: 21/03/2021.
- CHAUÍ, Marilena. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo. Editora Moderna. 1995.
- _____. **Espinosa**: poder e liberdade. Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006.
- _____. **A nervura do real**: imanência e liberdade em Espinosa, volume II: Liberdade. São Paulo. Companhia das letras. 2016.
- JAUQUET, C. **A unidade do corpo e da mente**: afetos, ações e paixões em Espinosa. Tradução Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimaraes Oliva. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2011.
- MONTEIRO, R. S. **Unidade entre mente e corpo na experiência afetiva em Espinosa**. 2017, 195f. Dissertação (mestrado em filosofia). USP – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PEIXOTO JUNIOR. C. A. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. **Fractal: revista de psicologia**. V.21, N.02, Mai./Ago. 2009. P.369-386. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/fractal/issue/view/v.%2021%2C%20n.%202>> Acesso em: 27/03/2021.
- SILVA, Elainy Costa da. **Conatus**: da essência humana à fundamentação do estado na ética de benedictus de spinoza. 2011, 132f. Dissertação (mestrado em filosofia) UECE- Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2011.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos; Coordenação Marilena Chauí. São Paulo. EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo. 2015.